

Imigrantes falam sobre Jaú

“Comércio” conversa com 5 estrangeiros: dois asiáticos, duas americanas e um africano sobre pontos altos e baixos da cidade

O **Comércio do Jahu** conversou com imigrantes que vivem – ou viveram – em Jaú para que

compartilhassem com os leitores as motivações que os trouxeram para cá. Estudo recente divulgado

pela **Unicamp** e financiado pela Fapesp mostra que 26 imigrantes tinham emprego formal em Jaú

no ano de 2016. O índice, no entanto, está longe de representar os imigrantes que atualmente vivem em

Jaú. É bem provável que os cinco entrevistados pela reportagem não façam parte desse montante. Ca-

nadense, guineense, israelense, argentina e japonês contam suas impressões do Brasil. **Página 3**

Laura Agostinho



O israelense Oran Malka deixou sua terra natal para ensinar krav magen em Jaú

Jaú tem 26 estrangeiros no mercado formal

Dados consolidados pela Unicamp são referentes a 2016, mas não refletem número real de imigrantes no Município

NATALIA GATTO PRAUCHO
natalia@comerciodojahu.com.br

Cerca de 40 imigrantes tinham emprego formal na região em 2016, 26 deles em Jaú. Os dados são do Atlas Temático do Observatório das Migrações em São Paulo, lançado recentemente pela **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado (Fapesp).

Sob coordenação da professora doutora da **Unicamp** Rosana Baeninger, o Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo registra que, destes 26 imigrantes, 17 são homens e 9 mulheres, 23 deles

têm entre 15 e 59 anos e 3 estão na terceira idade. Há argentinos, paraguaios, uruguaios, canadenses, espanhóis, italianos, bolivianos, franceses, entre outras nacionalidades.

As informações derivam das declarações obrigatórias que empresas registradas no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) fazem anualmente junto ao sistema eletrônico do Ministério do Trabalho. Esse número, no entanto, está longe de representar os imigrantes que realmente vivem em Jaú.

“Entre as limitações observadas nota-se que há possibilidade de dupla-contagem do trabalhador que apresente mais de um registro de trabalho ativo, não abrangência do mercado de trabalho autônomo e informal e possíveis erros

A natureza exuberante é um dos aspectos que mais surpreendeu estrangeiros

Ensino do português

A professora doutora da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** Rosana Baeninger, que coordena o Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo, afirma que, no século 21, os destinos migratórios se diversificaram e cidades de diferentes tamanhos passaram a compor a rota das migrações internacionais.

Ao escolher a cidade onde viver, os imigrantes optam, de um lado, pela própria dinâmica econômica regional (não necessariamente local) e, de outro, por contatos de contrarredes ou indicação de alguém. “As possibilidades de emprego ainda constituem elemento importante

na decisão de migrar, contudo, o conhecimento prévio do lugar ou de conhecidos também influencia na escolha”, afirma Rosana.

Com relação às dificuldades encontradas, a docente acredita que os imigrantes internacionais de menor qualificação profissional e escolaridade enfrentam dificuldades que vão desde o acesso às necessidades básicas como moradia, alimentação e educação até a dificuldade de inserção laboral. “Além destes, a língua é um obstáculo a ser vencido e, portanto, é preciso que as políticas públicas se voltem também para o ensino do português.” (INEP)

alunos estavam matriculados na educação básica em 2017. Ainda assim, é importante ressaltar que algumas das informações apresentadas dizem respeito a quesitos do questionário da amostra do censo demográfico e, portanto, devem ser analisadas enquanto tendências e não a partir de seus valores absolutos.

O **Comércio do Jahu** conversou com imigrantes que vivem – ou viveram – em Jaú para que compartilhassem com os leitores as motivações que os trouxeram a Jaú, suas impressões do Brasil e dificuldades em viver aqui. Dos cinco entrevistados, nem todos foram registrados no Censo 2010 ou na Relação Anual de Informações Sociais (Rais) no Ministério do Trabalho, que norteou o Atlas Temático da **Unicamp**.

teve duas filhas aqui, está em Jaú há 35 anos. Melissa Ann Malacze, do Canadá, casou com um brasileiro e veio para Jaú há 12 anos – ela também constituiu família aqui.

Papa Sufre Fernando Quadê, de Guiné-Bissau, chegou a Jaú em 2013 para cursar administração, mas agora está em Recife por conta de seu mestrado em ciência política. O japonês Genta Iwauchi veio para jogar futebol pelo XV de Jaú e pretende levar para o Japão seus conhecimentos da língua portuguesa. O mais recente morador estrangeiro de Jaú, entre os entrevistados, é o israelense Oran Malka, instrutor de krav magen.

A natureza exuberante do Brasil – e até mesmo a quantidade de verde em Jaú – é um dos aspectos que mais surpreendeu positivamente a canadense, o guineense e o israelense que se mudaram para cá. Entre as dificuldades, os estrangeiros citam a comida, o vestuário, a falta de respeito e a pobreza (*leia depoimentos*).

de preenchimento do formulário on-line”, explica Rosana, por meio do estudo. O Censo 2010 aponta que, na época, 140 imigrantes viviam em Jaú. O Censo Escolar revela que 27

Histórias

A argentina Nora Beatriz Torres Tomas, que se mudou com o marido para o Brasil e



Arquivo pessoal

CANADÁ

“Eu sou de Toronto, cidade da Província de Ontário, no Canadá, e moro em Jaú há 12 anos. Eu conheci e casei com meu marido brasileiro no Canadá. Pouco tempo depois tivemos nosso primeiro filho e viemos ao Brasil para seus pais conhecerem seu primeiro neto. Nós escolhemos morar em Jaú porque a família do meu marido mora aqui. É uma cidade pequena e boa para criar uma família. Quando cheguei pela primeira vez no Brasil, o que mais me surpreendeu foi o tanto que o País era desenvolvido. Naquela época, com pouco conhecimento do Brasil, nunca imaginei ver uma cidade tão grande e desenvolvida como São Paulo. Eu também fiquei surpresa com tanto verde. A pobreza, no entanto, foi a maior decepção. Eu nunca tinha visto crianças e adultos tão pobres. Nunca tinha visto uma favela ou crianças tomando banho em um rio sujo (Rio Tietê, São Paulo). Eu sinto muita falta da minha família e a visito todos os anos. Embora eu esteja aqui há muito tempo e esteja acostumada com uma cidade, País, cultura, idioma e clima diferentes, eu sempre sentirei falta do meu país, da cultura e idioma de lá, da minha família e dos meus amigos.”

Melissa Ann Malacze, 42 anos, empresária (texto traduzido do inglês)

JAPÃO

“Vim ao Brasil em 2014, direto para Jaú, para jogar futebol no XV de Jaú. Já tinha ouvido falar do time no Japão por causa do jogador Kazu e também conhecia outras pessoas daqui. Gosto de Jaú por ser uma cidade tranquila. Surpreendi-me com a cultura, a comida e a liberdade de expressão que as pessoas têm aqui. Entre os aspectos negativos, há uma falta de respeito com as pessoas mais velhas e há muitos roubos. Hoje é fácil amenizar a saudade porque a tecnologia propicia o contato com a família e os amigos de longe. Estou no Brasil desde 2014 e devo ir embora em dezembro. Meu foco é aprender português para trabalhar no Japão como tradutor ou intérprete em agências ou até mesmo no futebol ou outras modalidades esportivas.”

Genta Iwauchi, 22 anos, estudante de letras (foi jogador do XV de Jaú até 2016)



Lauro Agostinho



Renata Cortez

ARGENTINA

“Há 35 anos, meu marido Raul Tomas – que na época era na morador – trabalhava em uma empresa em Buenos Aires e recebeu uma proposta para vir a Jaú. Decidimos nos casar e viemos para o Brasil, diretamente a Jaú. Meu marido, depois de dez anos de Massier Industrial, foi para São Paulo, Bauru e Botucatu, mas sempre vinha aos fins de semana. Eu nunca me mudei de Jaú, estou aqui há 35 anos. Gosto muito de Jaú, me adaptei bem aqui. Quando cheguei, não falava nada de português e comecei a dar aula de espanhol particular na minha casa. Como demorei sete anos para ter filhos, fiz de tudo, como alfajores (doces argentinos) para vender, até começar a trabalhar com modinha. Fazia uniforme escolar de início, mas hoje me dedico a camisetas de grandes eventos esportivos em minha empresa, a Por Acaso Confecções. O Brasil é um País aberto para todo mundo, me adaptei muito bem e já não voltaria mais para meu país, até porque minhas filhas Jimena e Milena fizeram suas vidas aqui. No começo estranhei a comida, porque na Argentina não comemos arroz e feijão, por exemplo, e lá a gente come muita carne – e das boas. Aqui, quando cheguei, não tinha tanta carne boa e era mais cara. Ainda hoje faço comida com meus temperos, porque viajo para meu país no mínimo duas vezes por ano. Outra coisa que estranhei muito é o horário do jantar. Na Argentina a gente janta às 22h. E por lá a vida noturna é mais agitada, ainda mais comparando cidade grande como Rosário (onde morava) a Jaú, que é pequena. Mas a gente se acostuma com tudo e estou muito feliz aqui. Nós fazemos parte do Brasil agora, pago meus impostos, tenho meus direitos e obrigações, e tenho que lutar para o País sempre melhorar. Hoje minha família são os amigos que temos aqui.” (INEP)

Nora Beatriz Torres Tomas, 59 anos, microempresária (confecção de roupas esportivas)

GUINÉ-BISSAU

“Cheguei ao Brasil em 23 de agosto de 2013 com objetivo de cursar administração. Fiquei em São Paulo durante uma semana e depois fui para Jaú. De antemão, digo que, mais que adorar, eu amo Jaú. Foi nesta cidade que passei os anos da minha graduação e sempre fui bem-tratado, com todo carinho, amor e empatia necessária. O que mais me surpreendeu no Brasil foram as belezas que a natureza oferece: as montanhas, as praias, as vegetações. Há algumas semelhanças com o meu país, mas é de surpreender o que o Brasil tem. O povo vive em festa contínua, tanto em Jaú como em outros municípios. A miscigenação e a mestiçagem, característica singular do Brasil, me surpreendeu muito. Deparei com pessoas entusiasmadas em conhecer a África e a cultura africana. Pelo aspecto negativo, tive muita dificuldade, no começo, com relação ao vestuário. Vejo pessoas com roupas que expõem o corpo e fico surpreendido com isso. No meu país, isso ocorre apenas no Carnaval ou na praia, em casa ou em um circuito fechado. Mas como cada país tem a sua cultura, torna difícil afirmar categoricamente que esse é um ponto negativo. Outro traço negativo que observei no Brasil é a tamanha desigualdade social, contudo, dizem que houve uma melhoria neste sentido. Sai de Jaú em 19 de fevereiro deste ano. Por motivos de aprimoramento acadêmico, vim para Recife (PE) cursar meu mestrado em ciência política. Meu plano futuro é seguir para o doutorado acadêmico e, um dia, poder exercer a atividade de docente. Espero dar as minhas contribuições em Jaú como forma de retribuir um pouco do muito que recebi dos jauenses.” (INEP)

Papa Sufre Fernando Quadê, 29 anos, estudante



Arquivo pessoal

ISRAEL

“Cheguei ao Brasil – mais especificamente em Jaú – no fim de novembro para trabalhar como instrutor de krav magen na academia Brit Advanced Self Defense. A cidade é muito boa, bem calma! As coisas aqui no Brasil acontecem mais devagar em relação à cidade em que eu morava, Tel Aviv, isso é bom! O que mais me surpreendeu positivamente no Brasil, primeiramente, foi o verde, que é muito bonito. A natureza aqui é fantástica. O País é muito grande e o clima que vocês têm é muito diferente de onde eu vim. As frutas e a carne são maravilhosas. Entre os aspectos negativos, está a ideia errada que a maioria das pessoas daqui têm em relação a outros países, elas vivem numa bolha, pensam somente em Jaú e esquecem que existe o resto do mundo, não têm sede de conhecimento. Além disso, o nível de educação não é tão bom e a maioria não fala inglês, que é considerada uma língua universal. Sinto saudade da minha família, mas não me esqueço do propósito pelo qual estou aqui. Tenho muito orgulho de ensinar krav magen e de ser o rosto de Israel aqui em Jaú, de representar meu país e de poder falar um pouco sobre ele às pessoas. Tenho muito orgulho dos meus alunos, são pessoas muito educadas e levam as aulas a sério.” (INEP)

Oran Malka, 26 anos, instrutor de krav magen na Academia Brit